

**○ SUJEITO DIASPÓRICO E  
SUAS IMPLICAÇÕES CULTURAIS  
EM “UMA HERANÇA”, DA OBRA  
UM CAMINHO NO MUNDO,  
DE V. S. NAIPAUL**

BORGES, Maria do Carmo Faustino (UEM)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - área de Estudos Literários - da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail para contato: [mariacfabo@hotmail.com](mailto:mariacfabo@hotmail.com)

**RESUMO:** O enfoque deste trabalho literário é o de analisar a construção e o desempenho do sujeito diaspórico, dentro do contexto pós-colonial. Os eventos disponíveis na história "Uma Herança", de V.S. Naipaul, apresentados em duas narrativas, trazem visões distintas e que se opõem, a do narrador e a da professora, resultantes do processo imperialista, especificamente em Trinidad e Tobago, no Caribe. A análise mostra que Leonard Side, um indiano, consegue sobreviver e impor seu discurso em uma sociedade dividida: uma que o marginaliza como homem de pele escura e de cultura inferior àquela dominante; outra que o valoriza. O hibridismo observado a partir do comportamento dessa personagem realiza-se em uma busca diária e constante de significados, visto como abertura para outras culturas e para outros valores. Conclui-se, que apesar da destruição e dos resultados negativos, como o rompimento de culturas, de religiões, de etnias, o colonialismo produziu, através das diásporas, relacionamentos humanos e culturais de horizontes diferenciados para a humanidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade, Sujeito diaspórico, Hibridismo.

**ABSTRACT:** The approach of this literary work is to analyze the construction and the role of the diasporic subject, within the postcolonial context. The available events in the story "An Inheritance", of V.S. Naipaul, presented in two narratives, bring distinct and opposed visions, of the narrator and the teacher, as result of the imperialist process, specifically in Trinidad e Tobago, Caribbean. The analysis shows that Leonard Side, an Indian, gets to survive and impose his discourse in a divided society: one that excludes him as dark-skin man and of an inferior culture in face to the dominant one; another that values him. The hybridism observed through that character's behavior is carried out in a daily and constant search of meanings, seen as opening to other cultures and to other values. It is concluded that, in spite of the destruction and the negative results, as the break of cultures, of religions, of ethnic groups, the colonialism produced, through diasporas, human and cultural relationships of differentiated horizons for humankind.

**KEYWORDS:** Identity, Diasporic subject, Hybridism.

## INTRODUÇÃO

A colonização européia em vários países do mundo tornou-se um marco histórico e cenário de experiências dolorosas dos povos colonizados, que tiveram grande parte de suas populações morta ou subjugada ao poder imperialista. Essa dominação causou terríveis atrocidades, como a escravidão, a subtração dos territórios, das culturas, das crenças, das línguas dos povos nativos, impondo-se uma 'suposta' superioridade de raça e de cultura.

A Literatura Pós-colonial surge a partir dos questionamentos de teóricos e escritores sobre os critérios europeus de julgar as culturas 'diferentes', as do 'outro' (colonizado). Ela denuncia a opressão do colonizador, a devastação da terra e da cultura nativa e contrapõe-se aos pressupostos imperialistas.

A primeira história, "Uma Herança", da obra *Um caminho no mundo*, de V.S. Naipaul, aborda questões colonialistas, com personagens que recriam as experiências deixadas pelo sistema imperialista, com enfoque na personagem de Leonard Side. A narrativa inicia-se com um narrador, mas é interrompida por uma narradora, a professora, estabelecendo-se um conflito entre os dois em relação às arbitrariedades e às situações embaraçosas provocadas pela exclusão social. Como a narradora objetiva Side? Como o colonizado reage e quais as estratégias por ele utilizadas para responder à hegemonia do discurso do colonizador?

Este estudo tem por objetivo analisar o desempenho da personagem Leonard Side, um indiano, como sujeito diaspórico, nas suas relações de sobrevivência em uma sociedade carregada de preconceitos, resultantes dos efeitos da colonização.

O texto "Uma Herança" constitui-se um corpus adequado à discussão do tema da construção da identidade do sujeito diaspórico, os problemas criados a partir de suas origens, de sua cultura, como também de suas reações ao poder estabelecido, dentro da perspectiva do Pós-colonialismo e suas acepções.

Com essa pesquisa, propõe-se identificar e analisar a questão histórica da diáspora do povo indiano às terras caribenhas, o sujeito diaspórico, oriundo do deslocamento geográfico e cultural, e sua identidade híbrida para impor seu espaço na sociedade pós-colonizada.

Vidiadhar Surajprasad Naipaul é um escritor nascido em Trinidad e Tobago no Caribe, em 1932, e ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 2001. Ele é neto de hindus, vindos da Índia, e filho de um jornalista e escritor. Seus trabalhos são tipicamente sobre a África, o Caribe, a Ásia e o Oriente Médio, de onde aborda temas sobre o período colonial e as transformações dele decorrentes, depois de longas viagens por

essas regiões e continentes. É considerado um escritor cosmopolita pela Academia Sueca, autor de 11 romances e vários volumes de História, viagens e ensaios<sup>2</sup>.

## DIÁSPORA E HIBRIDISMO

A teoria da literatura pós-colonial delinea uma estética a partir do excluído, os povos colonizados, enfatizando eventos que transformaram a cultura e a identidade por meio do colonialismo, tanto dos nativos, quanto das populações que migraram de outras regiões. A conscientização de nacionalismo desses povos origina o espírito de rejeição aos ditames do colonizador e desperta para outras visões de mundo, transcritas por essa literatura.

O termo diáspora, de imediato, constitui a idéia da saída de povos de seus territórios, para outras regiões. Esses movimentos migratórios podem acontecer de forma voluntária, por causa da fome, de guerras, do desemprego e outros, ou forçada, como aconteceu com a escravidão. A História registra, na modernidade, dentro do Colonialismo, um modelo diaspórico em si, desde o próprio colonizador, que deixa sua terra natal para estabelecer uma colônia. No caso do período escravagista, aconteceram grandes focos de dizimação de nativos nas colônias, como nas Américas, as diásporas se sucederam com o tráfico de escravos e, posteriormente, com a reposição de trabalhadores nas colônias agrícolas, economicamente sustentadas pelo trabalho escravo ou pela mão-de-obra contratada (ASHCROFT, 1998).

Proveniente dos movimentos migratórios, o sujeito diaspórico é aquele que, vivendo longe de sua terra natal, de sua cultura, situa-se 'no meio do caminho': se voltar à sua terra, a qual não será a mesma, porque ocorreram transformações que, devido ao seu afastamento, ele rompe com o que poderia ser a unidade de sua cultura; por outro lado, herdeiro de traços indelévels de sua cultura original e obrigado a ambi-

<sup>2</sup> Informações obtidas no site: [http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/2001/naipaul-bio.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2001/naipaul-bio.html)

entar-se em uma sociedade alheia, condiciona-se a viver uma nova realidade, convivendo com culturas e línguas diferentes. A condição desse sujeito “representa as tensões, a falta de resoluções e as contradições nos territórios que foram marcados pelo colonialismo” (BONNICI, 2000: 211). Ele é, de maneira geral, estereotipado na sociedade como ‘o indiano’, ‘o chinês’, ‘o negro’, constituindo-se um fator de marginalização. Ele encontra grandes dificuldades de sobrevivência, tais como: um trabalho estável, reconhecimento de seu trabalho, condições de moradia, o que reflete sua condição social. Sua identidade se constrói, portanto, de acordo com Brah (2002), da materialidade do seu cotidiano, isto é, das experiências e dos eventos por ele vivenciados, cujos significados ele vai interiorizando, na medida em que os absorve.

O sujeito pós-colonial, de acordo com Souza (1997), baseado na crítica de Wilson Harris, mesmo fragmentado com o afastamento de sua terra de origem, de sua língua, de sua cultura, ressurgue como um sujeito híbrido, que concebe um novo significado de mundo e cria o novo a partir dos fragmentos, uma totalidade ‘quântica’, ou seja, ele se abre às alteridades. Forçado a construir uma nova identidade, ele reutiliza o que foi destruído, como uma espécie de húmus para um ‘eu’, que resiste e desafia a ideologia e o poder. “As sementes para uma identidade pós-colonial estão na descoberta de uma alteridade *interna* no sujeito e na cultura” (HARRIS, 1992 *apud* SOUZA, 1997: 125): ele deixa de ser objeto e passa a ser sujeito.

A identidade híbrida pode ser lingüística, cultural, política, racial (BONNICI, 2005), e o sujeito pós-colonial toma-a para a superação dos problemas sociais, convivendo na diversidade, sem inferiorizar o outro. Ele propõe um modo de ser e de ver a realidade, que possibilita essa convivência de culturas. Hibridismo, pois, “trata-se de um processo de tradução cultural [...] do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou ‘inerentes’ de transformação” (HALL, 2003: 74-75) e não apenas uma questão de adaptação e apropriação.

## EVENTOS HISTÓRICOS ATRELADOS À LITERATURA PÓS-COLONIALISTA DO CARIBE

É necessário lembrar que o Colonialismo é o período em que os povos europeus invadem os países situados no Novo Mundo, a partir do século XVI. Após as grandes descobertas, principalmente, Portugal, Espanha, Inglaterra e França implantaram suas culturas e sociedades nas colônias. O imperialismo construiu o pensamento de que a cultura européia era central e superior (metrópole), devido às suas descobertas científicas, sua cultura, sua literatura, sua língua, como justificativa para se impor sobre as demais culturas (periferia).

Considerando inferiores as culturas dos nativos, os colonizadores prevaleciam-se sobre eles, ignorando suas culturas, suas línguas, sua cidadania, e estabelecendo-se um sistema hierárquico de diferenças que não aceitava o equilíbrio de relações econômica, social ou cultural (BONNICI, 2003). Assim, nas sociedades colonizadas, estabeleceu-se o binarismo sujeito/objeto, representados pelo colonizador e pelo colonizado respectivamente.

Para compreender a formação do sujeito diaspórico em "Uma Herança", é preciso retomar o fato histórico das diásporas dos povos da África e da Ásia, que vieram para as Américas. A região do Caribe, especificamente, teve sua população nativa quase totalmente dizimada pelos colonizadores. Por esse motivo, no século XVI, aconteceu, em um primeiro momento, a diáspora dos africanos, os quais, forçados a sair de seus territórios, foram escravizados, para sustentar o trabalho nas colônias agrícolas, de onde provinha os alimentos para as populações da metrópole. Já no século XIX, com a escravidão legalmente condenada, os colonizadores provocam uma nova diáspora para manter o trabalho nas lavouras. Após 1834, segundo Ashcroft (1998), a alternativa encontrada foi a de contratar, principalmente, indianos e chineses (*indentured labour*) para trabalhar no Novo Mundo. Era um trabalho semi-escravo em uma sociedade de sistema imperialista e de ideologia colonialista.

No final do século XIX, Saint James, periferia de Port of Spain, capital de Trinidad e Tobago, foi local onde grande

população de indianos contratados se instalou. Em 1938, foi incorporado à cidade, como um distrito de Port of Spain<sup>3</sup>. Na referência ao bairro de St. James, exemplificado no texto “Uma Herança”, encontram-se registros da colonização no local, como nomes de cidades, ruas, bairros (St. James), edificações (Parry’s Corner), bem como os detalhes do estilo que pertencem à cultura espanhola, como em “a porta e as janelas tinham gelosias amareladas, treliças de madeira...”, ou a decoração de “pôsteres da Inglaterra, [...] A Torre de Londres, os campos ingleses” (NAIPAUL, 1944: 11).

O texto evidencia, também, como os colonizadores usaram a terra, levaram a produção e lá deixaram suas marcas, como feridas que não se fecham, “vinha o cheiro das fossas de St. James, [...] com riachos de imundice das cloacas, [...] áreas irregulares onde a terra se amontoava com poeira e areia e cascalho, [...] onde as coisas cresciam ao acaso” (NAIPAUL, 1994: 14).

### **O SUJEITO DIASPÓRICO E OS CONFLITOS CULTURAIS PROVOCADOS PELAS DIÁSPORAS**

“Uma Herança” é uma história que, em um primeiro plano da narrativa, tem um narrador homodiegético, o qual participa de alguma forma nos eventos narrados, relatando como testemunha e expondo suas impressões sobre o lugar onde viveu até os dezoito anos, quando voltou seis anos depois. Para ele tudo parecia novo e diferente, mas agradável, pois, como em um delírio, ele revive uma história da qual é participante.

Em um segundo momento, um narrador hipodiegético, que interrompe a primeira narrativa, se insere e produz uma narrativa dentro da outra: uma professora que conta a história de Leonard Side, que trabalha na preparação de defuntos em uma agência funerária e na decoração de bolos em uma associação de serviços voluntários de mulheres. Na escola onde a professora lecionava, sugeriu-se uma festa de comemoração à primavera, de tradição inglesa. Haveria uma premiação para o melhor arranjo de flores e Leonard Side foi

<sup>3</sup> Informações obtidas no site: [http://en.wikipedia.org/wiki/Port\\_of\\_Spain](http://en.wikipedia.org/wiki/Port_of_Spain)

indicado para julgá-lo. Essa professora, ao procurá-lo, surpreende-se ao encontrar um senhor indiano escuro arrumando um cadáver. Ela foge assustada, ele a segue e aceita o convite. No ano seguinte, para o mesmo propósito, ela o procura na Associação de Mulheres e o encontra ensinando a fazer pão e bolo. As mulheres o elogiam, contudo, a professora sente repulsa vendo-o manipular o glacê. Na terceira vez, ela resolveu ir à casa de Side. Encontrou-o muito doente e acamado. Desta feita, ao se deparar com os materiais que ele usava na funerária como decoração da sua casa, além de um quadro de Cristo na parede, fica chocada. Ela questiona e critica a concepção que ele tinha de beleza.

O narrador homodiegético retoma sua narrativa e, de acordo com a professora, que nada mais soube de Leonard Side, pondera sobre o possível rumo tomado por ele. Posiciona-se como Side e aponta para o contexto que os trouxe e onde permanecem. Ele tem a visão histórica, mas, como Side, desconhece a sua herança como um todo.

Na literatura pós-colonial, o colonizado, geralmente objetificado pelo discurso preponderante do europeu, busca encontrar uma maneira de sobreviver e superar as diferenças. Semelhante ao exemplo dos povos que migraram para outros continentes, permanece em uma luta que não ultrapassa as barreiras da hegemonia política, pois a independência das colônias não se concretizou com os decretos e leis, mas continua como práticas de discriminação. "Há resquícios poderosos, sempre latentes, das forças culturais e institucionais que sustentavam o poder colonial" (BONNICI, 2003: 218-219).

Destarte, faz-se uma leitura pós-colonial a partir das narrativas, das atitudes e costumes de Leonard Side e as correlações com as teorias referentes. O discurso do narrador homodiegético traz à superfície do texto uma perspectiva das transformações, como quem observa o lugar onde viveu sob nova e diferente visão daquela que teve até os dezoito anos. Sua narrativa inclui observações que são traduzidas por metáforas, como "primeiros óculos", em que se pode atribuir sua leitura de mundo "nítido e pequeno", entre o real e o não-real, nas suas primeiras experiências cognitivas ou em "óculos escuros", uma visão não muito clara da nova realidade.



As impressões às quais este narrador se refere sobre as pessoas nas ruas “mais escuras do que a minha memória guardara” (NAIPAUL, 1994: 9) podem ser apreendidas pelo estranhamento causado após o afastamento delas. Era um sentimento nostálgico daquilo que ele vivenciara, “como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas” (HALL, 2003: 27). Por outro lado, ao citar africanos, indianos, brancos, portugueses, chineses, mestiços, compreende-se a mistura de nacionalidades e etnias que se instalou após os movimentos migratórios no Caribe.

A professora interrompe a narrativa e relata, sempre entre aspas, a história de Leonard Side. Ocorrem três encontros dela com Side, nos quais são declarados seus constrangimentos em relação ao indiano, deixando claro ao leitor que sua cultura é fechada às outras, o que confirma a sua incorporação a uma visão colonizadora.

O conflito criado entre os pontos de vista dos narradores baseia-se na sistematização hierárquica de diferenças adotada pelo colonizador em relação ao colonizado. Por um lado, o narrador homodiegético percebia as diferenças entre os traços físicos dos povos que habitavam o lugar e a mistura de culturas de maneira harmoniosa e natural, enquanto o discurso da professora não aceitava esse equilíbrio, conforme observado em seu discurso.

A professora oferece-se para ir à Parry's Corner, um lugar no centro da cidade, falar com Side. Supõe-se que ela esperava encontrar um homem branco, com o nome Leonard Side. Ao descobrir que ele era “um indiano escuro que trabalhava com um cadáver sobre uma mesa” (NAIPAUL, 1994: 12), ela foge assustada.

Nesta passagem, cabe a leitura da hierarquização social: ela é professora e ele é um florista e ‘preparador’ de cadáveres. Pressupõe-se que um professor ocupa uma posição de respeito como detentor de conhecimentos, enquanto que a profissão de Side não exige conhecimento científico e pode ser desempenhado por pessoas ‘culturalmente inferiores’. Diante da perspectiva da professora, a profissão e a posição social

de Side eram irrelevantes: "eu só conhecia a expressão. Não tinha idéia do que significava" (NAIPAUL, 1994: 12).

Side a segue e chama: "moça, moça" (NAIPAUL, 1994: 12). Permite-se, ainda, apreender a humildade e a submissão marcada pelo colonizado. Ele aceita o convite com satisfação e oferece seus trabalhos na confecção do primeiro prêmio da festa. Assim, ele é capaz de reverter a situação a partir da sua postura, contrária à dela.

A narradora faz, também, referência aos 'dedos peludos' de Side, possível traço físico comum do homem indiano: "um homem bem apessoado, apesar dos dedos peludos" (NAIPAUL, 1994:12). Caracteriza-se esse fator por um preconceito racial da professora, dando forma às marcas do pensamento imperialista de diferença entre o sujeito e o objeto, pois o estereótipo do colonizado é construído a partir de valores ideológicos e culturais do colonizador: a distinção de raça. "É precisamente esta função do estereótipo enquanto fobia e fetiche que, segundo Fanon, ameaça o fechamento do esquema racial/epidêmico do sujeito colonial e abre a estrada real à fantasia colonial" (BHABHA, 1991: 189).

Um ano mais tarde, a professora volta a procurar por Side na Associação de Mulheres, onde ele as ensinava a fazer pão, bolo e confeitaria, pois ela "desta vez não entraria na funerária" (NAIPAUL, 1994: 12). A narradora expressa seu desconforto ao vê-lo trabalhar o glacê. Esse sentimento acentua-se ao vê-lo servir as mulheres os petiscos confeitados:

eu não gostava de ver aqueles dedos fazendo essa espécie de trabalho, e gostava menos ainda quando [...] com aqueles dedos [...] ele oferecia às mulheres coisinhas glaçadas [...] pequenos regalos. Eram oferecidos quase como uma hóstia na igreja, e as mulheres [...] saboreavam com a mesma espécie de respeito (NAIPAUL, 1994: 13).

Nessa passagem, é possível depreender uma metáfora da referência à hóstia como símbolo de respeito maior em uma sociedade católica, atribuída à consideração pronunciada pelas mulheres, em relação ao trabalho de Side. A visão preconceituosa e de rejeição da narradora sobre o aspecto físico e as atitudes de Side nada mais é que o alongamento da concepção do colonizador. De outra maneira, o sujeito

diaspórico em Side não se preocupa com o tipo de serviço a que se propõe, mas o faz com cuidados especiais e dedicação, independentemente de quem vai servir. Uma leitura paralela à desaprovação da narradora pode pressupor que esse tipo de trabalho caberia às mãos do homem branco, enquanto que ao colonizado restava as duras jornadas no campo.

No ano seguinte, a professora vai à casa de Side. Ele morava no bairro de St. James. “Descobri onde ele morava. Era em St. James, bem perto de onde eu morava. Foi uma surpresa: que ele estivesse tão próximo, vivendo aquela vida, e eu de nada soubesse.” (NAIPAUL, 1994: 13). Essa ‘surpresa’ pode ser analisada por dois aspectos negativos: a ironia de que ela nunca se interessou por ele, senão quando dele precisava, ou, apesar de morar na periferia e ser colonizada como ele, considerava-se diferente e superior. A professora, como minoria reprimida durante a colonização, também não está apta a aceitar outras minorias diferentes da dela, pois ela desaprova povos colonizados e enaltece o colonizador. Em referência a este comportamento, “Naipaul denomina essa gente *os mímicos*, sujeitos coloniais que são mais ingleses que os próprios ingleses” (BONNICI, 2005: 46).

Side estava doente. A professora o descreve vestido em “pijamas de seda verde” e observa na casa “flores de papel crepom num vaso de latão”, “almofadas acetinadas” (NAIPAUL, 1994: 13). Esses símbolos ela associa, de imediato, ao material da agência funerária: “percebi logo que [...] era material para caixões e as mortalhas.” (NAIPAUL, 1994: 13). A manipulação de materiais diferenciados por Side pode ser explicada pelo intercâmbio cultural, instalado naquela sociedade, de diferentes povos que trouxeram consigo os autênticos elementos de suas origens, “sobretudo em Trinidad, as complexas tradições do ‘Ocidente’ e do ‘Oriente’ - das Rainhas do Carnaval Indiano, das barraquinhas de *roti*, pão indiano, no local de carnaval [...]” (HALL, 2003: 33).

A mistura de materiais, usados em lugares e ocasiões tão desiguais, era algo que a professora não entenderia, nem aceitaria, pois sua mentalidade conservadora acolhia apenas os seus conceitos e valores culturais. Leonard Side, por

outro lado, não parece se incomodar com tudo isso, "os dedinhos peludos descansavam na colcha de cetim [...]. Ele se deitara com muito cuidado..." (NAIPAUL, 1994: 13). Ele é um sujeito que aprendeu a conviver com as diversidades e delas tirar proveito, para sobreviver e se colocar, de maneira passiva, contra as imposições de significação do colonizador.

A casa de Side, assim, evidenciaria que ele leva para o seu lugar de trabalho a sua cultura e a sua identidade, o que se pode explicar metaforicamente por seus 'dedos peludos', que representam tudo que suas mãos manipulam e produzem. Ele oferece à sociedade a sua herança cultural com suas atitudes, a sua voz, impregnadas do seu discurso como sujeito diaspórico. Isso a choca profundamente. Talvez fosse muita ousadia para ela, mas ele quebra, dessa forma, a soberania do discurso oponente.

"Leonard Side era muçulmano [...] um homem tão dedicado ao seu ofício – que trabalhava com cadáveres de cristãos" (NAIPAUL, 1994: 13), acrescenta a professora. Percebe-se que ela não concebe o hibridismo cultural que a experiência diaspórica proporcionou a Side. Ele mantém suas raízes culturais, mas se propõe à abertura de outras: ele prepara o corpo dos mortos sem fazer distinção à religião à qual pertenceram. Isso confirma em Side o seu nível de engajamento social e desmonta a força de significado da professora.

A narradora refere-se a um quadro de Cristo na parede. Isso a chocou ainda mais: "não estava ali só pela religião: estava ali também pela beleza, pelas cores, pelo dourado, pelos longos cabelos ondulados de Cristo" (NAIPAUL, 1994: 14). Esse julgamento se contrapõe à liberdade e o desprendimento de Side em aceitar a cultura do Outro (colonizador), sem preconceito a crença, a raça ou a lugar. Já a professora, volta-se para sua herança cultural.

Nos três encontros da professora com Side, percebe-se uma gradação que transita da surpresa ao choque, na medida em que ela descobre as multifacetadas dele, o seu talento criativo ativado nas alteridades, que, segundo define Souza (1997: 68), "uma unidade na diversidade, sempre podendo ser o Outro de si mesmo".

Ela completa suas observações em "era a idéia dele de beleza que me perturbava [...] como se algum vírus desco-

nhecido e deformante houvesse passado de sua mãe para ele [...] algo que nenhum deles [...] tinha sequer começado a compreender” (NAIPAUL, 1994: 14). Há aqui indicação do assunto que propõe o título “Uma Herança”: a corrente de herança cultural do sujeito diaspórico em Side que, no seu inconsciente, assimilou características que nem ele mesmo conhece, pois são traços herdados de geração para geração, como se entende em “essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior” (HALL, 2003: 28). A idéia de beleza, como uma herança cultural, em Side revela aquilo que realmente tem significado para ele, independente de onde esteja ou o que representa para outros. Trata-se, assim, de uma produção de cultura, quando ele reúne recursos de sua tradição à realidade em que vive. Nisso se resume a autenticidade de sua natureza.

O narrador homodiegético retoma o texto. Desconhecendo o que acontecera com Side, o narrador supõe que o indiano possa ter-se “juntado à grande migração para a Inglaterra ou para os Estados Unidos. Fico me perguntando se nesse outro lugar Leonard Side teria chegado a ter alguma compreensão sobre sua natureza” (NAIPAUL, 1994: 15). Leonard Side em lugar algum compreenderia a totalidade de sua natureza, pois, situado ‘no meio do caminho’, ele mantém traços de suas origens e está aberto a aceitar outros valores culturais.

O narrador pondera sobre as questões de herança cultural do protagonista, como o seu nome, Leonard Side, que não era tipicamente indiano, sua verdadeira origem, a de seus ancestrais, afirmando que “nisso ele era como todos nós” (NAIPAUL, 1994: 15). Como personagem de uma história semelhante, o narrador expressa alguma coincidência na caracterização de Side consigo mesmo: “com o que aprendi, agora posso lhes contar mais ou menos como sucedeu de todos nós chegarmos onde estamos” (NAIPAUL, 1994: 15). Ele conhece a história de St. James e sua população, mas desconhece o mistério da herança cultural de cada um, dos sujeitos diaspóricos, dentro de um contexto de cultura européia.

Ele termina sua narrativa em “não podemos compreender todos os traços que herdamos. Às vezes somos estranhos para nós mesmos” (NAIPAUL, 1994: 16). Isso se justifica a partir das migrações humanas, as quais infalivelmente desencadeiam a miscigenação de raças e etnias, impossibilitando alguém a pertencer de fato a uma raça ‘pura’.

Nesse aspecto, se estabelece e culmina o conflito entre os dois narradores, pois, se a professora fosse questionada, certamente como Leonard Side, ela não teria uma resposta definitiva sobre suas origens e sua cultura, mas uma baseada nas informações que possivelmente recebeu de seus pais ou avós. Enquanto isso, o narrador homodiegético é capaz de identificar no ‘outro’ características que podem ser suas. Tal como Side, ele percebe que é difícil conhecer por completo a sua proveniência, suas raízes, suas origens, uma visão que se contrapõe à da narradora, que não admite sua realidade. Isso reforça as dificuldades dela em aceitar as alteridades, chocando-se socialmente e contradizendo o seu próprio discurso. Os três são vítimas do imperialismo, apenas em diferentes formas de vida e de modos de conceber o mundo em que vivem.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que as diásporas não se limitam apenas ao fato histórico de mudanças de populações de um lugar para outro, independente de seus propósitos, mas, a partir de seu aspecto funcional de relações de poder, inserem-se em seu contexto grandes problemas como relações de classe e racismo, provocados pelas diferenças de raça e de cultura.

Embora ficcional, a história de Leonard Side é um relato de populações diaspóricas pelo mundo, de pessoas que desconhecem sua verdadeira origem, mas que tentam reverter a ideologia e a política imperialista por meio de um discurso sem opressões, mas multicultural. Assim, da literatura pós-colonial emergem vozes que apresentam versões diferenciadas daquelas proferidas pelo discurso do poder dominante, com uma proposta mais humanizada, que contraria as práticas de discriminação social.

Outro resultado desta análise sobre o sujeito diaspórico é que, apesar das rupturas e dos desmembramentos lingüístico,

histórico, racial, ocasionados pelas diásporas, revela-se o surgimento do sujeito híbrido, que desconstrói a soberania do sujeito colonizador. No exemplo de Leonard Side, a literatura pós-colonial contribui com a reabertura do processo colonialista, como ajuda no dismantelamento da mentalidade colonizadora. Por outro lado, ela mostra que as povoações oriundas de outros continentes, etnias e culturas continuam a refletir condições de existência semelhantes às do período colonial, sem uma posição econômica e social favorável.

## REFERÊNCIAS

ASHCROFT, B. et al. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge, 1998.

BHABHA, H. K. A Questão do Outro: diferença, discriminação e discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (org). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. (p. 177-203)

BONNICI, T. *Conceitos-chave da Teoria Pós-Colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Pós-Colonialismo e a Literatura*. Maringá: Eduem, 2000.

\_\_\_\_\_. Teoria e crítica pós-colonialista. In: BONNICI, T. e ZOLIN, L.O. (org.) *Teoria Literária. Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. 2ª ed. Maringá: Eduem, 2005. (pp. 205- 220)

BRAH, A. *Cartographies of diaspora: Contesting identities*. London: Routledge, 2002, p.178-210.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. - p.25-50.

NAIPAUL, V. S. *Um caminho no mundo*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. Companhia de Letras: São Paulo, 1994.

SOUZA, L.M.T.M. *O fragmento Quântico, Identidade e Alteridade no sujeito pós-colonial*. Letras: Alteridade e heterogeneidade. Santa Maria: R.S. – UFSM, janeiro/junho, 1997.

**SITES CONSULTADOS:**

[http://en.wikipedia.org/wiki/Port\\_of\\_Spain](http://en.wikipedia.org/wiki/Port_of_Spain) - Acesso em: 21/07/2008.

[http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/2001/naipaul-bio.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/2001/naipaul-bio.html) - Acesso em: 21/07/2008.